

a morte dos seus donos, enfim, segredos e mais segredos para os seus contemporâneos, coisas que até hoje ninguém entende e cuja revelação, na época, poderia destruir impérios financeiros, abalar famílias que sempre tiveram fama de modelares, jogar na lama reputações mais do que sólidas. Dorme nessa sala, também, uma incrível quantidade de cartas de amantes, bilhetes que, com o tempo, já perderam o perfume delicado com que eram brindados, marcas de beijos ocultos, manchas de lágrimas derramadas... mas que escondem histórias de amor, de traições, de desconfianças e, quem sabe, até de sangue.

Na sala de iconografia podemos também manusear uma infinidade de desenhos, de pinturas, de fotografias de belos mancebos, de belíssimas moçoilas, sem data, sem nome, sem autor, sem que ninguém saiba de onde vieram, para onde foram, para quem. Não é difícil imaginar os romances, suspiros e lágrimas furtivas, a passagem velada, de mão em mão, de mensagens e fotografias, a desconfiança de casais traídos, de amantes desejosos de um impossível encontro e sem outro meio de comunicação.

Na sala de obras raras e nos armazéns de livros repousam bibliotecas inteiras que pertenceram a bibliófilos fanáticos que a morte não conseguiu separar desses velhos livros, a coisa que eles mais amavam na vida.

Eis aí o cenário e o ambiente mais do que propício para essas visões, para tantos estranhos barulhos nas altas horas da noite, para as mortes misteriosas nos laboratórios, o piscar de lâmpadas, o acender e o soprar de velas na madrugada, os espelhos repentinamente embaçados nos banheiros, as aparições de vultos etéreos de príncipes, marquesas, condes e condessas, de fazendeiros a pisar com suas botas nada sutis, o tilintar de esporas, o vaivém de escravos e feitores – de velhos escravos à procura de suas cartas de alforria ou de documentos nunca encontrados em vida, que poderiam comprovar torturas, tratamentos desumanos ou promessas de liberdade. É compreensível que humildes faxineiros e guardas de segurança se recusem a entrar em determinadas salas, que mulheres, depois de certa hora, não queiram se servir dos banheiros do 3º andar, onde a defunta imperatriz Amélia costumaria ainda arrumar os